

O MITO DE ATLÂNTIDA E O OLHAR DE VICENTE RISCO SOBRE O BRASIL

TIAGO BARREIRA

Do outro lado do Minho situa-se um irmão lusófono com a memória crescentemente apagada. A Galícia é uma região do norte da Espanha que compartilha com Portugal um tronco linguístico, folclórico e cultural comum: são herdeiros de uma língua original comum, o galego-português. Ambas as regiões, que compunham uma unidade política até certo período da Idade Média, seguiriam trajetórias distintas com a independência portuguesa no século XII. Enquanto Portugal expandir-se-ia globalmente, a Galícia permaneceria como uma região periférica dentro do projeto nacional espanhol.

Paradoxalmente, a condição de atraso econômico da Galícia permitiu a preservação de tradições literárias e culturais medievais, rurais, mitológicas e espirituais, apagadas em outros lugares com o processo de modernização. A Galícia tornou-se, assim, um interessante repositório vivo de um imaginário místico e pré-moderno galego-português, que ainda permanece através de seu folclore, lendas e mitos.

É justamente nesse solo simbólico que floresce o pensamento do escritor, antropólogo e professor Vicente Risco. Nascido em 1884, em Ourense, Vicente Risco é considerado mestre do nacionalismo galego. Suas obras deixaram um legado significativo no pensamento político galego, ao aproximar a Galícia da esfera atlântica e reabilitar suas ligações com o mundo lusófono.

Sua obra *Teoria do Nacionalismo Galego* é considerada um marco no movimento nacionalista galeguista, no qual é exposta sua teoria do atlantismo, que se propõe a estabelecer uma identidade civilizacional comum, unindo a região a Portugal e às ex-colônias portuguesas, enraizada no sentimento da saudade e no desejo nostálgico do resgate do reino da Atlântida, símbolo arquetípico de uma civilização perdida.

O NACIONALISMO CULTURAL GALEGO DE RISCO

O nacionalismo de Risco, exposto em *Teoria do Nacionalismo Galego*, entendido como um projeto de “*reconstitución espiritual, política e económica de Galicia*”, deve ser compreendido de maneira distinta da forma como esse termo é hoje



entendido, vinculado à lógica do jogo de poder militar e econômico expansionista entre estados.

Podemos enumerar quatro características principais na definição de nacionalismo de Risco. A primeira delas é o anti-imperialismo cultural. O nacionalismo galego em Risco não se configura como um projeto político voltado à imposição de uma lógica de afirmação territorial ou estatal. Trata-se, sobretudo, de um nacionalismo de resistência cultural que, independentemente da fórmula política à qual esteja vinculado — seja por meio de um estado galego independente, de um federalismo ibérico (solução proposta por Risco nas décadas pré-Guerra Civil Espanhola) ou da integração ao estado espanhol (como defendido em sua fase tardia, durante os anos franquistas) —, sempre compreenderia a ideia de nação viva como aquela dedicada à busca da autenticidade existencial por meio de sua cultura.

A essa resistência cultural soma-se o universalismo, em sua acepção mais elevada. Esse nacionalismo cultural de autenticidade, propugnado na *Teoria do Nacionalismo* risqueana, não é um autismo isolacionista ou xenófobo, mas possui deveres para com uma comunidade global humana. Ele carrega um projeto de civilização universal a contribuir e construir. O projeto universalista da cultura galega, para Risco, consiste em superar a crise da modernidade europeia de fins do século XIX e início do XX, marcada pelo niilismo de valores gerado pela sociedade de massas e pelo desenraizamento de tradições causado pelo racionalismo e pela industrialização.

Essa crítica à modernidade se desdobra em um terceiro elemento: o espiritualismo, uma corrente de pensamento fortemente alicerçada em ideias da metafísica, da antropologia e da psicologia simbólica, com profunda influência de autores da escola psicanalítica, como Carl Jung – expoente da ideia de arquétipos universais e do inconsciente coletivo – ou da escola antropológica fenomenológica, como Mircea Eliade – pensador que enfatizou os estudos de religião comparada e simbólica. Vemos aí uma proposta de nação vinculada à ideia de uma comunidade de interesses espirituais. Trata-se de uma identidade cultural fundada em mitos, arquétipos e símbolos, presentes e transmitidos intergeracionalmente pelas tradições de um povo.

Por fim, esse projeto de regeneração nacional e espiritual requer um agente específico: o protagonismo da classe intelectual. Como construir esse projeto de nação? A resposta passa pela formação de uma classe intelectual — ou, nos termos de José Ortega y Gasset, uma “aristocracia do espírito” — composta por filósofos, cientistas, artistas e professores. Cabe a esses grupos a responsabilidade de revitalizar e energizar a cultura com novos valores espirituais, por meio da educação, da produção literária e científica, e do cumprimento de seus deveres intelectuais. Seu papel é despertar uma “vontade nacional”, capaz de orientar o destino coletivo e dar forma a um novo imaginário civilizacional.



O envolvimento de Vicente Risco com projetos pedagógicos para uma educação galega, como o *Plan Pedagógico para a Galeguización das Escolas*, a promoção da ciência galega com o Seminário de Estudos Galegos e a atividade editorial na *Revista Nós*, exemplifica a aplicação prática de sua visão culturalista. Caberia à classe intelectual, para Risco, tornar as tradições mortas em vivas, retirá-las de sua “imobilidade de museu” e atualizá-las conforme as necessidades da vida atual.

Como consequência de sua concepção de nacionalismo cultural, que põe a classe intelectual como protagonista na construção de um projeto civilizacional, é papel desta interpretar e ressignificar símbolos do imaginário e do inconsciente coletivo de uma nação, estabelecendo novos valores e sentidos para a vida presente. O celtismo e o atlantismo cumprem precisamente esse papel dentro do pensamento político de Risco. Os mitos devem ser apropriados e relidos pelo pensamento galego segundo sua experiência e as necessidades vitais do presente. Risco encontrará na Atlântida esse grande símbolo unificador da identidade galega e de seu projeto criador universalista de civilização.

O MITO DE ATLÂNTIDA

Mas por que justamente a Atlântida? Trata-se de um mito originado no *Timeu*, diálogo de Platão do século V a.C., onde é narrada a história de uma ilha perdida e submersa no oceano Atlântico. Platão, por sua vez, afirma basear-se em relatos orais de sacerdotes egípcios transmitidos a Sólon, o legislador ateniense e uma das figuras centrais da democracia clássica. O *Timeu*, vale lembrar, dá seguimento aos diálogos políticos tratados na *República*, sobretudo à ideia de ordem justa em uma *polis*.

Segundo o relato platônico, o Reino da Atlântida consistia em uma antiga confederação de reis, cuja existência remontaria a cerca de 9.500 a.C., e que teria sido a sede de um império marítimo de proporções continentais. Sua influência se estendia desde a Líbia, no norte da África, passando pelo mar Mediterrâneo até alcançar regiões da Europa. Localizava-se no Oceano Atlântico, além das Colunas de Hércules (atual Estreito de Gibraltar), e era descrita como uma ilha vasta — “maior do que a Líbia e a Ásia juntas”. Rica em recursos naturais e com alto grau de desenvolvimento em arte e tecnologia, a Atlântida representava o esplendor de uma civilização que conjugava poder e sofisticação, abundância e ordem.

No entanto, sua glória não foi eterna. De acordo com o mito, a Atlântida teria entrado em conflito com a antiga república ateniense — uma cidade então pequena e desprovida de recursos, mas dotada de virtudes heroicas e de uma ordem política superior. Esse confronto culminou em uma guerra decisiva entre Atenas e a Atlântida. A derrota dos atlantes, atribuída à decadência moral e à corrupção interna de seu regime, teria sido seguida por um castigo divino: um dilúvio devastador que selou o desaparecimento da ilha no fundo do mar.



O MITO DE ATLÂNTIDA NA HISTÓRIA DAS IDEIAS GALEGO-PORTUGUESAS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

O mito de Atlântida foi alvo de diversas interpretações a partir do século XIX no mundo galego-português. Podemos listar três dimensões: (i) a místico-esotérica; (ii) a geopolítica; (iii) a literária-filosófica.

No âmbito místico-esotérico, a Atlântida tornou-se um tema recorrente entre os círculos ocultistas europeus da segunda metade do século XIX; pensadores como Helena Blavatsky (fundadora da Sociedade Teosófica) e Alfred Sinnett (autor da obra *Budismo Esotérico*) associaram Atlântida a uma civilização pré-histórica com poderes místicos e tecnologia avançada. Nesse contexto, a Atlântida é vista como matriz civilizacional, “mãe” dos povos americanos (astecas e maias). Ambas as ideias de Blavatsky e Sinnett eram disseminadas entre círculos teosóficos da Galícia e de Portugal no fim do século XIX, e suas obras foram lidas avidamente por Risco.

Em seguida, no âmbito geopolítico, no primeiro quartel do século XX, em Portugal, originou-se o movimento atlantista. O mito da Atlântida perdida seria reinterpretado em Portugal como um símbolo invocador da unidade cultural lusófona. Esse movimento consistiu na defesa do projeto imperial português, centrado no eixo atlântico e no fortalecimento dos laços culturais e históricos com o Brasil e as colônias africanas. Ressaltava-se a vocação cultural portuguesa para o Atlântico, para as explorações marítimas, concebendo o Oceano Atlântico como o *Mare Nostrum* da civilização lusitana. Portugal deveria, neste sentido, se posicionar como uma nação atlântica em contraponto ao eixo europeu.

A *Revista Atlântida* (1915-1920), publicação luso-brasileira, foi um fruto desse ideário, resultado da colaboração entre intelectuais de Portugal e do Brasil. Seu principal objetivo era fortalecer os laços culturais e históricos entre os dois países.

Por fim, no âmbito literário-filosófico, o atlantismo se vinculou ao movimento intelectual do saudosismo português do início do século XX. Nesse contexto, o Atlântico é enfatizado menos como um espaço geopolítico e mais como um espaço espiritual, simbólico e onírico, segundo autores como Teixeira de Pascoas e Leonardo Coimbra, unido sobretudo pelo sentimento da saudade.

O ATLANTISMO E O MOVIMENTO SAUDOSISTA

O sentimento saudoso constitui o marco definidor da cultura e do pensamento filosófico português. É definido, segundo Cabanillas, como “cobiça de longe, pressentimento do que está para chegar, anseio de um bem perdido”. Simultaneamente uma expressão de nostalgia e utopia, a saudade se expressou na cultura portuguesa através do mito sebastianista, o milenarismo político do Quinto Império do padre Antônio Vieira.



Segundo o poeta português Teixeira de Pascoaes, a saudade é a união entre a lembrança (recordação) e o desejo libertador (esperança), dando a este sentimento uma dimensão metafísica. O movimento saudosista tomará a “saudade” de Atlântida como núcleo regenerador da identidade portuguesa.

O movimento saudosista repercutiu na Galícia a partir de Cabanillas. Risco irá reinterpretar o atlantismo português à luz do nacionalismo galego e seu projeto universal de civilização, introduzindo e enfatizando o elemento céltico. Atlântida será identificada como a raiz e origem da civilização céltica — uma outra cultura também dispersa ao redor do Atlântico.

Em resumo, enquanto pensadores portugueses vincularam a saudade de Atlântida com o projeto de regeneração cultural do império português e com a espiritualidade mística na história política e sociedade portuguesas — o milenarismo do Quinto Império e o messianismo sebastianista —, Risco a vinculará a um projeto antiimperial de resgate centrado na resistência cultural e linguística da Galícia, uma cultura de base céltica soterrada pelo centralismo espanhol.

E ainda, Risco também destacará aspectos particulares da saudade atlantista ao contexto galego, entre os quais podem ser enumerados tanto o apego místico à terra — expresso pelo sentimento peculiar galego da *morriña* — quanto sua cultura literária e musical centrada na melancolia lírica, presente historicamente em gêneros literários como as cantigas medievais e na poesia do *Rexurdimento* de Rosalía de Castro.

O ATLANTISMO E O NACIONALISMO GALEGO DE RISCO

Embora o atlantismo fosse uma corrente já presente entre pensadores lusófonos do início do século XX, esta ganharia uma interpretação peculiar para Risco, adaptando o sentimento da saudade ao contexto galego, inclinado a uma mística telúrica e lírica céltica, combinada com suas reivindicações de autonomia cultural e política frente ao “centralismo espanhol”.

O projeto universalista da cultura galega, para Risco, conforme dito antes, consiste em superar a crise da modernidade europeia de fim do século XIX e início do XX. Compartilhando a crítica do romantismo ao racionalismo ocidental, Risco irá reivindicar uma cultura assentada no sentimento e em tradições.

Nesse sentido, Risco identifica um confronto entre dois modelos civilizacionais: de um lado, o ideal europeu moderno, que se ancora no materialismo, na razão instrumental e no intelectualismo abstrato; de outro, o ideal galego, que valoriza a interioridade, a espiritualidade e a expressão afetiva da experiência humana. Esse embate civilizacional seria, para Risco, a chave para compreender tanto a marginalização histórica da Galícia quanto o seu potencial regenerador.

O primeiro desses modelos é o mediterrâneo, associado às culturas helênica e latina; tratam-se de civilizações surgidas na bacia do Mediterrâneo (Ásia



Menor, Grécia, Itália e Provença) e centradas no intelecto, berço do pensamento racional e filosófico europeu, do direito racional e burocrático, e também dos planos geometrizados da ordem arquitetônica e urbanística clássica da polis grega; Risco também identificará o mediterraneanismo intelectualista com o imperialismo burocrático romano, o protótipo de todos os imperialismos.

O segundo modelo é o atlantismo, ligado à cultura céltica e às civilizações que se desenvolveram no espaço atlântico. Trata-se de uma civilização centrada na introspecção cultural, em contraposição ao expansionismo mediterrâneo, tendo sido solapada e reprimida tanto pelo imperialismo romano quanto, posteriormente, pelo castelhano. Seus traços distintivos podem ser encontrados na arte, na música e na literatura desses povos. Em Portugal e na Galícia, essa herança manifesta-se de maneira particularmente expressiva através da Saudade.

Para Risco, a cultura mediterrânea, em decadência e niilista, está fadada à dissolução, e deve ser oposta à civilização atlântica, que será a civilização do futuro, a regenerar espiritualmente a Europa. O eixo cultural europeu será deslocado da esfera mediterrânea à atlântica. Na Teoria do Nacionalismo Galego, Risco também cita o filósofo catalão Xenius, mencionando que, enquanto a civilização mediterrânea é a civilização da Inteligência, a oriental é a da Vontade, a de Portugal e Galícia é a civilização da Memória e Saudade. Deste modo:

«A nosa, a civilización saudosa da Lembranza, inda se non persentóu na escea do mundo. Nosso destino futuro é crear e impoñer esta civilización nosa que há ser a civilización atlántica.» (Risco, 1920)

Galiza, para Risco, constituiria o núcleo central a se constituir a nova civilização atlântica. Pois seria uma das nações célticas com vínculos mais fortes com a civilização latina mediterrânea. Ela possui um poder de síntese maior e, portanto, de depurar tudo o que deve desaparecer do niilismo mediterrâneo.

Aliado aos vínculos com o mundo latino europeu, a cultura galega é também marcada pelo seu caráter transcontinental, conectando-se com a América. Assim como Portugal, a expansão migratória na América projetaria uma dimensão universalista à sua cultura, possuindo conexões tanto com o mundo hispanófono quanto lusófono da América. Esta vocação transatlântica galega de Risco é reiterada em *Plan Pedagógico*, ao defender o ensino de português em escolas galegas, o que permitiria à Galícia abrir-se a todos os países da língua portuguesa, além da castelhana. Para Risco, galego e português são dois dialetos de uma mesma língua.

O ATLANTISMO DE RISCO E O OLHAR SOBRE O BRASIL

A teoria galega do atlantismo traz importantes consequências indiretas para o mundo lusófono, ao sugerir uma aproximação simbólica entre Galícia e Brasil – antiga colônia portuguesa situada do outro lado do Atlântico.



O Brasil não é diretamente abordado na *Teoria do Nacionalismo Galego* de Risco, mas pode ser incluído como elemento-chave para o projeto civilizacional atlântico, por diversos fatores. O primeiro consiste no fato de que, conforme mencionado no *Plan Pedagógico*, Risco vê a integração entre Galiza e países da língua portuguesa como fundamentais para o resgate da civilização e memória atlântica, através da recuperação da língua e educação literária galego-portuguesa. O segundo fator consiste na ideia de que o Brasil é também uma nação com grande peso representativo dentro da lusofonia, bem como detentor de uma comunidade importante de emigrantes galegos. E como terceiro e último fator relevante, está o próprio peso territorial e demográfico expressivo do Brasil, de modo que se deva esperar que este seja visto por Risco como um país estratégico para a inserção da cultura galega no mundo.

Em termos concretos, o interesse de Risco pela cultura brasileira se refletiu em alguns momentos de sua vida intelectual, ao manter contato com importantes folcloristas brasileiros, como Luís da Câmara Cascudo. Em 1948, foi nomeado membro titular da Sociedade Brasileira de Folclore¹. As tradições e mitos galegos estudados por Risco encontram eco na cultura brasileira devido ao passado comum das duas regiões, através de Portugal.

Portanto, o atlantismo risqueano lança luz a uma proposta original de interpretação do Brasil enquanto território integrante do eixo cultural atlântico, trazendo como consequências no plano prático hoje: uma delas, no sentido geopolítico, está o de abrir potenciais de integração e cooperação econômica e intelectual entre Galícia e Brasil, através da proximidade linguística, afirmando o galego-português como língua franca global. E também, no sentido cultural, o de resgatar e fortalecer valores identitários de autenticidade e pertencimento no Brasil e Galiza, unidos por um imaginário coletivo comum de tradições, valores e sentimentos, arraigados na cultura popular e no folclore de ambas as nações.

O IMAGINÁRIO DA SAUDADE COMO TEMA DE INTERPRETAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE BRASILEIRA

Em que sentido o saudosismo atlântico galego-português se vincula com a história e cultura brasileira? A saudade, vista segundo Cuevillas como uma “cobiça esperançosa do longe”, ou segundo Teixeira de Pascoaes, conectando memória nostálgica e esperança utópica, já foi tratada em diversas obras como um tema de interpretação da cultura brasileira.

Na obra *Brasil, um país do futuro*, Stefan Zweig interpreta essa dimensão esperançosa como uma saudade do que ainda está por vir — um futuro promissor

¹ Ver em: “Nombramiento en Brasil para Don Vicente Risco”, *La Región*, 11 de Outubro de 1948.



e grandioso que se projeta à frente como destino. Para ele, o Brasil reúne as condições ideais para se tornar um modelo de civilização: diversidade étnica, riquezas naturais e um povo com potencial criativo. Essa aposta no porvir se alimenta de um passado perdido, como se o país carregasse uma vocação histórica que apenas aguarda sua realização.

Sérgio Buarque de Holanda, por sua vez, em *Visão do Paraíso*, explora o mito fundacional do Brasil como terra de abundância e harmonia — uma espécie de Hy-Brasil tropical, a ilha mítica do folclore céltico. O imaginário colonizador português projetava sobre o território uma ideia de paraíso terreno, onde natureza e providência se uniam. Essa visão se entrelaça com o saudosismo luso por um Éden arcaico. Há uma tensão entre a promessa de plenitude e a frustração com a realidade histórica, e essa dualidade atravessa a identidade brasileira: entre a lembrança do que foi idealizado e a esperança do que poderia vir a ser.

Esta esperança utópica em um futuro por se realizar não implica necessariamente no triunfo de uma visão ideológica progressista ou revolucionária, podendo assumir colorações reacionárias e conservadoras na cultura e política. É o que aponta Georg Wink, em *Brazil, a Land of the Past*, que aprofunda a análise ao destacar como o Brasil vive ainda sob o peso de suas raízes coloniais, cultivando uma nostalgia que se reflete na política e na cultura. A ideia do Quinto Império, um projeto messiânico luso-brasileiro, reaparece no Brasil imperial como ideal nacionalista e redentor. Dom Pedro II é visto como herdeiro espiritual dessa missão, numa espécie de continuação tropicalizada da monarquia portuguesa. O sebastianismo — crença no retorno do rei justo e restaurador — reemerge em revoltas populares como Canudos, onde o messianismo assumiu contornos sociais e políticos concretos. A monarquia tradicional, nesse contexto, tornou-se símbolo de uma ordem perdida que, para muitos, continua a oferecer sentido frente à crise da modernidade republicana.

Esse imaginário persistente também se reflete em movimentos contemporâneos de restauração monárquica ou de valorização do passado imperial como modelo alternativo. A crença num retorno providencial do rei, que redima o país de seus desvios, é a expressão mais aguda dessa saudade estruturante — que é, ao mesmo tempo, crítica do presente e anseio por um sentido histórico maior. A utopia brasileira, neste sentido, não é apenas progressista; ela é também reacionária no sentido literal do termo: uma reação à perda de um ideal anterior.

Contudo, o Brasil também projetou sua esperança em outras formas de utopia, como a modernista e republicana. O positivismo influenciou a fundação da República com a crença de que a ordem científica e racional seria o caminho para o progresso. Brasília, como capital planejada, foi o ápice simbólico dessa utopia, arquitetada por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer sob o signo da ruptura com o passado colonial. Artistas modernistas como Tarsila do Amaral e Oswald



de Andrade buscaram reinventar a identidade brasileira a partir de suas raízes, mas com um impulso vanguardista, rompendo com os modelos europeus e celebrando o inovador.

Assim, a construção da identidade brasileira se deu entre dois pólos: de um lado, a nostalgia por uma ordem perdida, impregnada de saudade atlântica, tradicionalismo e messianismo; de outro, a utopia futurista de um país por se realizar, racional e moderno. Em ambos os casos, como observou Risco, está presente a “Atlântida saudosa”: a imagem de um mundo ideal a se recordar e por se fazer.

CONCLUSÃO: O ATLÂNTICO COMO ESPAÇO CIVILIZACIONAL LUSO-GALAICO-BRASILEIRO

A teoria galega do atlantismo, embora originalmente direcionada ao contexto galego, traz importantes consequências indiretas para o mundo lusófono, ao sugerir uma aproximação simbólica entre Galicia e Brasil – antiga colônia portuguesa situada do outro lado do Atlântico – e também detentora de uma rica tradição saudosista em sua história política, seja enquanto autoidentificada como herdeira da futura civilização do Quinto Império, seja enquanto herdeira de uma civilização primordial paradisíaca, a ser re-memorada e reivindicada como uma pátria autêntica a se refazer.

O Brasil, ao possuir aspirações carregadas de símbolos que evocam esperança, memória e utopia, ecoa os fundamentos da teoria risquiana, estando inserida em um continuum histórico e cultural que vai além das fronteiras políticas. Deste modo, lançam-se assim as bases para uma unidade psíquica luso-galaico-brasileira, fundadas em uma memória coletiva e imaginário onírico comum.

O atlantismo risqueano, por fim, indiretamente promove uma nova interpretação do Brasil como parte de uma unidade civilizacional atlântica em conjunto com Portugal e Galiza, a ser restaurada e regenerada como um todo a partir de sua herança linguística e cultural galego-portuguesa (o imaginário da saudade).

Esta nova proposta de interpretação da identidade brasileira aproxima e reforça vínculos com países do eixo atlântico, como Galicia, que compartilham uma cultura e língua comum, tanto em termos geopolíticos e econômicos quanto culturais e intelectuais.

REFERÊNCIAS

- Botelho, A., & Teixeira, A. B. (Eds.). (1986). *Filosofia da saudade (Vol. 5)*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Da Cunha, E. (2018). *Os sertões: edição crítica comemorativa*. Ubu Editora LTDA-ME.
- De Holanda, S. B. (2010). *Visão do paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Platão. (2023). *Timeu / Crítias (R. Lopes, Trad.; M. S. de Carvalho & J. E. Diogo, Eds.)*. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos / Instituto de Estudos Filosóficos.
- Risco, V. (1921). *Plan pedagógico prá galeguización das escolas*.



- Risco, V. (2012). *Teixeira de Pascoaes-Vicente Risco (Epistolário)*.
Risco, V. (2020). *Leria*. Editorial Galaxia.
Risco, V. (2020). *Teoría do nacionalismo galego*. Editorial Galaxia.
Sinnott, A. P. (1884). *Esoteric Buddhism*. Trübner.
Ventura, J. (2000). *O nacionalismo kármico de Vicente Risco*. Edicións Laivento.
Wink, G. (2021). *Brazil, land of the past: the ideological roots of the new right*. Bibliotopía.
Zweig, S., & Gallotti, O. (1941). *Brasil: País do Futuro (Portuguese Edition)*.

